

A RELAÇÃO ENTRE CULTURA, MERCADO E DESENVOLVIMENTO NA VISÃO DE MARCELO MILANO FALCÃO VIEIRA

Rosimeri Carvalho da Silva¹, Eloise Livramento Dellagnelo²,
Marcio Silva Rodrigues³

Artigo recebido 22/11/2012. Aprovado em 01/12/2012.

RESUMO

Neste texto procuramos evidenciar as concepções de Marcelo Vieira sobre a relação entre a cultura, o mercado e o desenvolvimento. Baseamo-nos, sobretudo, nos trabalhos realizados no âmbito do projeto PROCAD, na parceria entre os programas de pós-graduação em Administração da Escola de Administração Pública e de Empresas e da Universidade Federal de Santa Catarina. Do conjunto dos trabalhos selecionamos três, nos quais Marcelo e seus orientandos discutem e aprofundam os principais conceitos do projeto. No primeiro artigo é abordada a evolução do contexto histórico do campo da cultura de 1920 a 2002. No segundo, a relação entre cultura e desenvolvimento é discutida e os dois conceitos são aprofundados. O terceiro artigo utiliza os conceitos e relações anteriores para a reflexão sobre um caso empírico do Programa Bairro-Escola de Nova Iguaçu-RJ. Entendemos que os três artigos, embora não representem a obra de Marcelo, evidenciam características importantes da contribuição que deu aos estudos organizacionais no campo da cultura no Brasil.

Palavras-chave: Cultura. Desenvolvimento. Mercado. Campo da Cultura.

1 Doutora em Administração. Professora do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Integrante do grupo de Pesquisa Observatório da Realidade Organizacional. rosimeri.carvalho@ufrgs.br.

2 Doutora em Administração. Professora do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Integrante do grupo de Pesquisa Observatório da Realidade Organizacional. eloise@cse.ufsc.br.

³ Doutorando em Administração do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade federal de Santa Catarina (UFSC). Professor da Faculdade de Administração da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl). marciosilvarodrigues@gmail.com

THE RELATIONSHIP BETWEEN CULTURE, MARKET AND DEVELOPMENT ACCORDING TO MARCELO MILANO FALCÃO VIEIRA'S POINT OF VIEW

ABSTRACT

This paper seeks to show the concepts of Marcelo Vieira on the relationship between culture, development and marketing. We rely primarily on work done under the project PROCAD in partnership between the graduate programs in Business Administration, School of Public and Business Administration and the Federal University of Santa Catarina. From all work that he had produced, we selected three of them on which Marcelo and his collaborators discuss and deepen the main concepts of the project. In the first article, he deals with the historical context of the evolution of the field of culture, from 1920 to 2002. In the second, the relationship between culture and development is discussed and the two concepts are deepened. The third article uses the concepts and relationships prior to the reflection on a case-empirical Program Neighborhood School Nova Iguaçu-RJ. We understand that the three articles, although not representing the work of Marcelo, highlight important features of the contribution he made to the studies in the field of culture in Brazil.

Keywords: Culture. Development. Market. Field of Culture.

Temos o objetivo de apresentar neste texto, reflexões a respeito do trabalho que desenvolvemos com Marcelo Vieira e outros colegas da Universidade Federal de Santa Catarina e da Escola de Administração Pública e de Empresas, da Fundação Getúlio Vargas. Trata-se do projeto Cultura, Mercado e Desenvolvimento, financiado pela CAPES, no âmbito do programa PROCAD, o qual foi desenvolvido pelas duas instituições no período de 2006 a 2009.

O PROCAD – Programa Nacional de Cooperação Acadêmica tem o objetivo “de promover a formação de recursos humanos de alto nível, nas diversas áreas do conhecimento, através de projetos conjuntos de pesquisa de média duração. Intensificar, também, o intercâmbio científico no país, por intermédio do envolvimento de equipes acadêmicas de diversas instituições de ensino superior e de pesquisa brasileiras, criando condições para a elevação geral da qualidade do ensino superior e da pós-graduação” (CAPES, 2012). Este é um dos programas que envolvem o intercâmbio científico entre pesquisadores que atuam no Brasil, propiciando, portanto, algo que a estrutura dos programas de pós-graduação brasileiros e a legislação sob a qual atuam tem dificultado, que é a mobilidade dos acadêmicos entre as universidades nacionais.

Além disso, como se pode ver nos seus objetivos, este programa se adequava a uma característica marcante do Marcelo que era sua sempre presente preocupação com as instituições nas quais fizera sua formação acadêmica ou atuara profissionalmente. O programa concretizava, também, sua grande experiência em articular pesquisadores, grupos, instituições e interesses. A realização do projeto propiciava ao mesmo tempo um intercâmbio maior entre os pesquisadores das duas instituições ensejando atuações conjuntas através do estabelecimento de um novo diálogo e, também, apoiar o Curso de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Catarina em um momento delicado de sua história, após ter sofrido com um grande número de aposentadorias de seus docentes mais experientes. Já realizávamos pesquisa e ensino juntos através do grupo de pesquisa Observatório da Realidade Organizacional, mas vislumbramos com este projeto a possibilidade de realizar atividades mais amplas que beneficiassem as duas instituições e um conjunto maior de alunos e pesquisadores do que aqueles diretamente envolvidos com as atividades do Observatório.

Articulamos, então, em torno do tema cultura, mercado e desenvolvimento, diversos pesquisadores das duas instituições para se envolverem nas atividades deste intercâmbio.

Entre eles, pela EBAPE participaram do projeto os professores Fernando Guilherme Tenório, Paulo Emílio Martins, Eduardo Ayrosa, Alexandre Faria e José Antonio Puppim. Entre os professores da UFSC participaram Hans Michael van Bellen, Eloise Dellagnelo e Rosimeri Carvalho da Silva. Além das atividades de pesquisa conjuntas, os professores envolvidos ministraram cursos em visita à instituição parceira.

Outra atividade do projeto, que interessava particularmente a Marcelo, que sempre procurou instigar nos estudantes o gosto pelo trabalho coletivo e o conhecimento e consideração às diferentes realidades brasileiras, era a possibilidade de os discentes de uma instituição realizarem missões de estudo na instituição parceira. Vários estudantes do CPGA/UFSC e da EBAPE/FGV puderam durante o período do projeto, entre 2006 e 2009, participar de cursos e pesquisas desenvolvidas pelos professores da outra instituição. Dessas experiências surgiram resultados muito interessantes como artigos conjuntos e orientações compartilhadas de mestrado e doutorado e, certamente, uma formação muito mais rica em experiências, perspectivas e abordagens. Marcelo cuidava detalhadamente da mobilidade dos estudantes, pensando a respeito das possibilidades e benefícios para cada um de nossos orientandos.

No que diz respeito aos estudos desenvolvidos, nossas pesquisas, no grupo, tratavam, já há algum tempo, do tema da cultura, das organizações culturais, da mercantilização da cultura e da empresarização das organizações culturais. Estávamos, desde 2000, quando havia muito poucas informações sobre o campo cultural, tentando levantar e sistematizar informações sobre este campo, mais especificamente sobre os modos de financiamento, as formas de organização utilizadas, a relação com o estado, a história das políticas públicas, os conflitos e as lutas que eram traçadas no campo. Parecia-nos que em meio a estes estudos que vínhamos realizando, alguns temas mereciam maior dedicação, dada a sua complexidade, decorrente tanto de sua polissemia como dos diversos aspectos da realidade que envolviam. Dois deles nos pareciam mais diretamente relacionados com as preocupações do grupo e, ao mesmo tempo, mais capazes de aglutinar um conjunto de professores com abordagens bastante distintas das duas instituições: mercado e desenvolvimento. Montamos, assim, um projeto que realizamos entre 2006 e 2009.

Vários aspectos do trabalho desenvolvido pelo Marcelo poderiam ser objeto de nossas reflexões. Porém, neste texto, vamos destacar mais atentamente o modo como Marcelo

encaminhou o tratamento da relação entre cultura, mercado e desenvolvimento nos estudos que realizou no âmbito do projeto.

A base de nossas reflexões serão três grandes estudos desenvolvidos por ele e seus orientandos na EBAPE. Um estudo desenvolvido com Janaína Machado Simões sobre a atuação do estado e do mercado na trajetória do campo organizacional da cultura no Brasil; um mergulho teórico a respeito da relação entre cultura e desenvolvimento que desenvolveu com Glauco Knopp, Leonardo Darbilly e Janaína Simões; e, ainda tendo esta relação como base, o estudo que realizou com Glauco Knopp sobre o programa Bairro-Escola em Nova Iguaçu. Outras pesquisas foram desenvolvidas no âmbito do PROCAD EBAPE/UFSC, no entanto, escolhemos estas porque exploram mais detidamente as principais noções com as quais trabalhávamos naquele momento e que balizavam nossas reflexões e ações. Algumas das pesquisas que começaram no projeto foram encerradas muito tempo após o término formal do convênio, outras, como a tese de doutorado de Marcio Silva Rodrigues da qual Marcelo era co-orientador, ainda estão sendo finalizadas. São trabalhos muito interessantes, mas demandariam análises mais específicas e um espaço muito mais longo para que pudéssemos considerá-las também. Assim, discutimos as três que estabelecem as noções de base dos temas orientadores das pesquisas, as quais refletem pensamentos centrais na produção do Marcelo nessa época.

O CAMPO DA CULTURA COMO CAMPO ORGANIZACIONAL E A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO CONTEXTO

A importância que Marcelo atribuía à constante concentração da área de estudos organizacionais no seu objeto, as organizações, o levou a priorizar em seus trabalhos sobre a cultura as discussões a respeito do campo organizacional, influência de seu profundo mergulho na análise institucional. Apesar de ter chegado junto com Cristina Carvalho e Sueli Goulart (CARVALHO, VIEIRA e GOULART, 2005) a uma posição bastante crítica a respeito da abordagem institucionalista, o conceito de campo organizacional continuou presente e forte em suas análises. Decorrente da reflexão crítica que havia feito, Marcelo tenta inserir nos seus trabalhos um conceito que era desprezado pelo novo institucionalismo, o

poder, buscando compreender a construção histórica do campo organizacional da cultura.

Entender o processo de estruturação dos campos organizacionais constitui-se em uma etapa importante da análise institucional, uma vez que desse processo decorre a institucionalização de formas organizacionais (DiMAGGIO, 1991). Os processos de estruturação são histórica e logicamente anteriores aos processos de isomorfismo institucional e podem, assim, explicar sua natureza de forma mais completa. Pode-se dizer com isso que a análise da formação e configuração de um campo organizacional exige um olhar interdisciplinar, onde elementos históricos, antropológicos, sociológicos e econômicos exercem um papel fundamental na explicação da complexidade deste nível de análise (VIEIRA e CARVALHO, 2003, p. 5).

Interessava portanto, a Marcelo, compreender como as organizações do campo da cultura tinham sido constituídas, de que modo passavam a agir neste campo e como se estruturava a rede de relações que estabeleciam nesta ação. A análise desta constituição, no entanto, só fazia sentido quando realizada em relação à evolução histórica do Brasil e a trama social e política que foi sendo tecida no país. Isto fica claro na análise que realizou junto com Janaína Simões em seu estudo sobre a atuação do estado e do mercado na trajetória do campo organizacional da cultura na Brasil.

Este foi um trabalho importante desenvolvido por Marcelo e Janaína no qual procuraram responder às indagações que os pesquisadores, reunidos no Observatório da Realidade Organizacional levantavam a respeito das deficiências na sistematização de informações sobre o campo da cultura no país, as quais predominantemente desconsideravam a história do campo ou o modo pelo qual este tinha sido instituído.

Dentro do trabalho que havíamos proposto desenvolver no projeto PROCAD entre UFSC e EBAPE, este era um estudo fundamental. Embora estivéssemos já há algum tempo percebendo os efeitos da expansão do espaço de ação do mercado no campo da cultura, ainda que de modo indireto em alguns estudos, não havíamos feito uma análise sistemática da atuação do estado e do mercado neste campo. Eles, então, realizam o estudo com o objetivo de “analisar a influência do Estado e do mercado nas transformações culturais ocorridas no campo organizacional da cultura no Brasil no período entre 1920 e 2002” (SIMÕES e VIEIRA, 2010, P. 15).

Os autores partem de uma bela definição de cultura, proposta por Otávio Ianni (IANNI,

2004), que diz que a cultura não é inocente, pois suas expressões são criadas “no jogo das relações, os antagonismos e as diversidades sociais, políticas e econômicas também se fazem presentes nela” (SIMÕES e VIEIRA, 2010, P. 17). Uma pertinente escolha na medida em que este autor não isola a cultura, como outros, ele a coloca na trama de acontecimentos históricos e sociais vinculados a questão nacional no Brasil. Ianni destaca ainda, nesta obra que a cultura compreende também hegemonia, pois pode ser construída por uma classe, pela composição de forças sociais, por blocos de poder, pelo Estado e até por reivindicações de outros grupos que não se acham no poder. No seu trabalho, os autores evidenciam a razão da escolha do autor: “é essa compreensão de cultura, como possibilidade de manifestações de antagonismos, conflitos e relações de poder, que pode sustentar a compreensão do campo da cultura” (SIMÕES e VIEIRA, 2010, p. 17).

Nesta análise, os dois pesquisadores trazem outra leitura do campo e, começam por delimitar como período inicial de destaque para a cultura no país, a década de 1920, ao contrário do que muitos outros fazem, pois localizam suas análises na década de 1930, a partir do período Vargas. A evolução do campo, ou seja, sua institucionalização, é então descrita por Marcelo e Janaína através da identificação das organizações, eventos e relações que marcaram 4 períodos identificados como: cultura como identidade (1920-1945), cultura como ideologia (1945-1964), cultura como estratégia (1964-1985) e cultura como mercado (1985-2002).

A apresentação destes períodos evidencia a forte atuação do Estado ao longo do processo de institucionalização do campo da cultura, mas, também, a paulatina extensão da influência de relações mercadológicas, sobretudo no último período. Eles destacam que,

“o papel do Estado na dinâmica de estruturação do campo organizacional da cultura no país parece ir ao encontro do argumento defendido por Durand (2001) de que o Estado teria que atuar em relação à cultura em um espaço internamente dividido em subespaços que seguem lógicas diferentes. Em diversos momentos no tempo, cabia ao Estado agir diante de complexas diferenças regionais e de várias concepções de cultura...” (SIMÕES e VIEIRA, 2010, p. 32).

Além disso, outra constatação é evidenciada nesta descrição: a instabilidade das organizações e relações do campo e sua dependência dos governos que se sucedem. Neste sentido, para os autores,

“a questão de que a mudança na lógica predominante no contexto histórico social definiria as transformações nas configurações do campo organizacional da cultura corresponde às idéias de Ianni (2004), segundo as quais a cultura e os atores a ela ligados serão alternados conforme o contexto situacional. Assim, a cultura não poderia ser considerada como algo coeso e homogêneo, e sim como um campo complexo que é capaz de responder a diferentes lógicas predominantes na sociedade em cada momento do tempo” (SIMÕES e VIEIRA, 2010, p. 31).

Para eles, há no campo uma desarmonia entre as ideias de eficiência e legitimidade, destacadas por Goulart, Menezes e Gonçalves (2003) que acarreta as criações, extinções e recriações de órgãos governamentais, o que demonstra “a incapacidade de construção e implementação de políticas públicas culturais continuadas e efetivas” (SIMÕES e VIEIRA, 2010, P. 32).

O papel que percebem ser exercido pelo Estado ao longo destas configurações os faz, mais uma vez, refletir sobre a (in)adequação da teoria institucional para explicar certos objetos como o campo da cultura no Brasil. Ao contrário do que estabelece Scott (1995), quando vê o Estado operando basicamente por processos normativos e regulatórios, para Marcelo e Janaína o Estado brasileiro desempenhou múltiplos papéis no campo, indo muito além daquilo descrito na teoria institucional. Eles apontam também, concordando com Dória (2001), que o Estado teve um papel ativo na criação do mercado cultural, seja por seu desinteresse nas questões culturais estratégicas para o desenvolvimento do país, seja pelas limitações de recursos pelas quais passou.

Com relação ao papel do mercado, cuja presença é destacada no último período, Janaína e Marcelo mostram que ele atuou em todas as configurações por eles abordadas, mas que na primeira delas “parecia haver uma adaptação da cultura para tornar-se mercadoria, enquanto com a supremacia do mercado no campo parece estar ocorrendo o processo inverso: a transformação de mercadorias em cultura” (SIMÕES e VIEIRA, 2010, P. 38).

Os autores concluem com uma percepção que passou a ser bastante compartilhada no Observatório:

“Há grandes distanciamentos entre discursos e práticas existentes no campo ao longo do tempo. A gestão da cultura que caberia ao Estado e não ao mercado, por ser este baseado em uma perspectiva instrumental em que a concepção de cliente orienta sua ação ainda é distante... Com a evolução do mercado e crescente ausência do Estado, essa compreensão foi sendo deixada em segundo plano. Assim, o resgate da centralidade do papel do Estado na cultura é vital para que a potencialidade da cultura se realize” (SIMÕES e VIEIRA, 2010, p. 39).

CULTURA E DESENVOLVIMENTO

No estudo anterior de Marcelo e Janaína, a questão do desenvolvimento aparece em algumas passagens, principalmente quando classificam a configuração do campo da cultura como ideologia, identificando-a, fundamentalmente, com a ideologia desenvolvimentista. No entanto, neste momento, esta ideologia é apenas um aspecto a mais na caracterização do campo, não se trata de uma abordagem teórica a partir da qual os autores procuram compreendê-lo. Na reflexão realizada com Knopp, Darbilly e Simões, Marcelo procura um aprofundamento nesta relação entre cultura e desenvolvimento.

Os autores partem da discussão sobre desenvolvimento local, muito presente nas reflexões sobre as ações relacionadas às políticas e programas culturais, para, desde o início, manifestarem sua preocupação acerca do risco do localismo “que aprisiona atores, processo e dinâmicas de modo exclusivo ao seu *locus*, a sua geografia mais próxima, sem fazer as necessárias conexões com outras escalas de poder” (MILANI e CUNHA, 2005, p. 4).

Esta preocupação faz eco a uma inquietação de Marcelo acerca do risco da sobrevalorização do local, que levaria ao paroquialismo, em detrimento de um diálogo com o global, que impediria o país de gozar os benefícios materiais, sociais e culturais da modernidade. Assim, eles afirmam,

“projetos de cunho local, para que tragam reais benefícios aos atores envolvidos, devem estar conectados a um contexto mais amplo, nacional e global, mas sem deixar de considerar a cultura do contexto de referencia em que está inserido” (KNOPP et al., 2010, p. 41).

E continuam refletindo a respeito da questão do desenvolvimento em relação à globalização. Segundo os autores, “O desenvolvimento é potencialmente viável pelo intercâmbio com outras realidades. Frente ao fenômeno da globalização, não se pode mais pensar em desenvolvimento local, independentemente da lógica global. O local está sujeito à lógica global e, portanto, nele estão entrelaçadas circunstâncias locais e globais, de maneira que um projeto de desenvolvimento local deve articulá-las e buscar pontos de conexão que promovam a transformação da realidade” (KNOPP et al., 2010, p. 42).

Feito esse destaque, os autores põem em discussão a idéia de desenvolvimento atrelado fundamentalmente ao campo econômico em detrimento do desenvolvimento humano. Assim,

fundamentados em Sen (2000), afirmam que “desenvolver é empoderar indivíduos, ampliar a consciência sobre a sua condição, aumentar sua capacidade de ação e sua liberdade substantiva. O desenvolvimento, portanto, deve ser entendido como um projeto político de transformação social” (KNOPP et al., 2010, p. 42).

Neste momento, eles discutem e criticam a visão neoliberal do desenvolvimento, retomando a constatação a que Marcelo havia chegado juntamente com Sueli Goulart e Cristina Carvalho:

“A ideologia neoliberal prega que o desenvolvimento é um estágio mais avançado dentro de um processo evolutivo linear, o qual todos os países inseridos na sociedade capitalista e no mercado globalizado alcançarão, mas até agora não se mostrou consistente (GOULART, VIEIRA E CARVALHO, 2005). Ao contrário, as ações e as políticas empreendidas sob esse paradigma só ajudaram a aumentar a distância que separa os países ricos do centro dos países pobres da periferia, gerando ainda mais dependência, exclusão e injustiça social. A idéia de difusão dos padrões de consumo dos países ricos do norte para os países pobres do sul tornou-se um dos pilares da ideologia neoliberal e constituiu no prolongamento daquilo que Celso Furtado denominou mito do desenvolvimento” (KNOPP et al., 2010, p. 49).

A cultura é colocada, então, como uma das alternativas mais importantes para um desenvolvimento capaz de promover a liberdade substantiva. A cultura aqui é vista a partir do conceito de Geertz (1989), ou seja, como “uma teia de significados que os homens constroem e reproduzem no curso de suas interações sociais e que funciona como uma ‘estrutura-estruturante’ do comportamento social em todos os âmbitos” (KNOPP et al., 2010, p. 45). Eles tomam por base também os três aspectos diferenciados pelos quais se deve compreender a cultura, segundo a UNESCO, considerados como aspectos importantes para evidenciar a centralidade da cultura para o desenvolvimento social e pessoal,

“O primeiro é a cultura como o cotidiano (um campo que nos aproxima mais à antropologia); o segundo é a cultura como campo comunicativo (os circuitos de circulação das artes – indústrias culturais, museus, etc.); e o terceiro é a cultura como manifestação artística concreta, seja da chamada cultura popular maciça ou tradicional ou das belas-artes” (UNESCO, 2003, p. 63).

Mas os autores ressalvam, logo no início do texto:

“o que se faz necessário pensar são alternativas de inserção social e desenvolvimento dos indivíduos que não estejam calcadas na lógica conservadora

hegemônica funcionalista-utilitária, baseada pura e simplesmente no cálculo racional das conseqüências, na qual se embasam as organizações capitalistas modernas. É importante desenvolver formas de organizar que conciliem ação econômica e ação social, baseadas em valores ético-existenciais, de desenvolvimento humano e coletivo, dotando de sentido a ação humana, estimulando a expressão das subjetividades, dando possibilidades de cada indivíduo tornar-se sujeito social, consciente das suas potencialidades e limitações para agir no mundo. Trata-se de conciliar racionalidade instrumental (econômica) com racionalidade substantiva (ético-existencial), no qual há também a preocupação com o efetivo resgate da condição humana por meio de um equilíbrio dinâmico entre satisfação pessoal, bem-estar social, viabilidade econômica e sustentabilidade ambiental” (KNOPP et al., 2010, p. 49).

Descrente de soluções extremas, Marcelo parece acreditar na possibilidade deste equacionamento entre as diferentes esferas, as diferentes racionalidades, os diferentes interesses. Eles, no entanto, não caem na armadilha de instrumentalizar a cultura e inseri-la na lógica perversa de desenvolvimento predominante, transformando-a em produtos viáveis comercialmente. Para eles, assim como para Vechiatti (2004), “pensar na cultura como fator de desenvolvimento significa valorizar identidades individuais e coletivas e promover a coesão comunitária” (KNOPP et al., 2010, p. 57). Os autores destacam a cultura como um importante componente para o alargamento da consciência (crítica) humana que definem como a ampliação do “espectro daquilo que o indivíduo pode pensar sobre si próprio, sobre a realidade social em que vive e as formas de agir sobre o mundo para modificá-lo. A consciência crítica é fator fundamental para as escolhas humanas” (KNOPP et al., 2010, p. 57).

Para esclarecer sua percepção sobre a consciência crítica chamam para o texto um dos autores brasileiros preferidos por Marcelo, Guerreiro Ramos, com quem afirmam que a consciência crítica,

“surge quando um ser humano ou grupo social reflete sobre os determinantes que moldam sua condição de existência e se conduz diante deles como sujeitos. Ou seja, a consciência crítica possibilita uma nova postura existencial, aberta à história... Sem consciência crítica, o ser humano ou o grupo social é reificado, é apenas objeto do acontecer” (KNOPP et al., 2010, p. 57).

Esta visão lhes permite concluir que,

“a cultura pode ser um importante elemento promotor do desenvolvimento local, uma vez que por meio dela são estimuladas práticas de desenvolvimento de consciência, do senso crítico e da auto-estima dos indivíduos, que passam a se reconhecerem como cidadãos e sujeitos ético-políticos capazes e responsáveis por promover a transformação de sua própria realidade e de seu entorno. A cultura potencializa a criatividade humana e pode funcionar como um canal de integração

social, além de possibilitar novas formas de sociabilidade e associações positivas para as pessoas” (KNOPP et al., 2010, p. 61).

E *voilà* toda a belíssima crença de Marcelo na capacidade humana de construir, de aprender, de fazer bem, de melhorar. Esta crença pode ser percebida em grande parte dos seus trabalhos. Tanto na pesquisa quanto na atuação nas instituições pelas quais passou. Em cada uma delas Marcelo procurou contribuir para que fossem melhores. Nas pesquisas, quando buscava uma perspectiva crítica, a complementava com novas possibilidades. Nas instituições, logo se embrenhava no trabalho árduo de mudança, porque acreditava que tudo poderia ser melhor, que o Brasil poderia ser melhor. Daí o acento colocado no diálogo entre o local e o global, esta certeza de que aquilo que a humanidade havia construído de melhor deveria ser usufruído por todos.

CULTURA E DESENVOLVIMENTO – ANÁLISE DO PROGRAMA BAIRO-ESCOLA

A visão de desenvolvimento, que procuraram discutir no artigo anterior, é utilizada por Glauco Knopp e Marcelo como lente de análise em seu trabalho empírico sobre o programa Bairro-Escola da cidade de Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro. Eles começam reafirmando a necessidade de superar o paradigma econômico do desenvolvimento, por meio de conexões mais amplas entre os dois conceitos. Não se trata de negar a dimensão econômica do desenvolvimento, mas conforme os autores, há necessidade de se buscar novas alternativas para essa articulação. Para eles:

“A possibilidade real de superar tal limitação acontece a partir da compreensão: (1) de que desenvolvimento não é o mesmo que crescimento econômico [.....]; (2) de que projetos de desenvolvimento devem estar assentados nas especificidades socioculturais das localidades; (3) de que cultura é tanto o universo das artes e das letras (artefatos e ‘mentefatos’ produzidos pelos homens) como manifestações que exprimem a identidade de um povo, podendo servir também como um meio para a promoção do desenvolvimento humano e social. (KNOPP e VIEIRA, 2010, p. 158).

Eles analisam então neste trabalho, uma política pública da Prefeitura de Nova Iguaçu, iniciada em 2006, integrada, “intersecretarial e multisetorial, envolvendo uma pluralidade de atores (estatais e não estatais) e ações no território” (KNOPP e VIEIRA, 2010, p. 166) do

município. Seis programas intersecretariais operacionalizam o Bairro-Escola: programa educação integral, programa de requalificação urbana, programa de proteção à vida, programa juventude, programa democratização da cultura, programa participação e redes de sustentabilidade social. Os números envolvidos são grandes: 38 escolas municipais, 22 bairros, 800 voluntários, 420 estagiários, 75 instituições locais parceiras e 3000 bolsistas.

Glauco e Marcelo fazem uma análise detalhada das ações realizadas no âmbito do Bairro-Escola, confrontando-as com as noções associadas à cultura e desenvolvimento que discutem no início do texto e constataam que:

“As atividades artísticas e culturais, por trabalharem o lado lúdico do indivíduo e ao estimular a sua expressão criativa, contribuem para a inclusão subjetiva, o autorreconhecimento como sujeito, o desenvolvimento intelectual e da sensibilidade, ou seja, aprimoram o capital humano e cultural do indivíduo, tornando-o mais apto para enfrentar os novos desafios da vida. Com as atividades artísticas e culturais, o Bairro-Escola enriquece o campo das experiências das crianças e dos jovens de Nova Iguaçu, oferecendo-lhes possibilidades plurais e concretas de construção do futuro... Com os programas e as atividades artístico-culturais do Programa Bairro-Escola, é construído o desenvolvimento em Nova Iguaçu. A arte e a cultura tornam-se a essência do trabalho educacional. A relação entre cultura e educação torna-se o alicerce da construção social e cultural” (KNOPP e VIEIRA, 2010, p. 177).

O programa parece, então, bastante condizente com a noção que os autores já haviam desenvolvido no estudo teórico anterior sobre a relação entre cultura e desenvolvimento, que eles voltam a afirmar na discussão sobre os fundamentos teóricos do estudo empírico, ou seja, a trama que se deve tecer em torno da cultura para que as diversas facetas do desenvolvimento possam ser objetivadas. A ação integrada de diversas secretarias, níveis de governo e agentes da sociedade civil refletem a crença de Marcelo na possibilidade de transformação, capaz de imprimir uma lógica substantiva como guia da ação dos atores. Eles concluem, então que :

“O Bairro-Escola aponta para um esforço de inclusão e desenvolvimento social por meio de ações integradas das políticas voltadas para a formação de capital humano e social e, além disso, possibilita o estímulo à arte e à criação. As atividades artísticas e culturais intensificam a criatividade humana e esta pode convergir para a realização de um projeto de transformação social. Os projetos e as ações no campo artístico-cultural do Bairro-escola têm um importante papel na dinâmica e na reorganização social de Nova Iguaçu. O programa vem buscando recuperar a autoestima e a identidade dos seus cidadãos e, com ele, amplia-se o horizonte de possibilidades de ação e, por consequência, a capacidade criativa, inventiva e participativa da população é potencializada. Por meio de atividades artísticas e culturais, o Bairro-escola procura expandir os lugares públicos e ocupar culturalmente a cidade, ampliando o acesso de crianças e jovens, oriundos das classes sociais mais carentes da população, aos bens e aos serviços artísticos e

culturais, estimulando a fruição cultural, a criação e a expressão artística (KNOPP e VIEIRA, 2010, p. 178).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme colocamos antes, a escolha destes trabalhos para análise das atividades desenvolvidas por Marcelo no âmbito do PROCAD significou destacar a consolidação de um importante pensamento a respeito da relação entre cultura, mercado e desenvolvimento que vínhamos refletindo em nossos trabalhos. Nesta sequência de pesquisas, Marcelo pode amadurecer e expressar um conjunto de preocupações intelectuais e pessoais a respeito destes temas.

Pontualmente, através do trabalho desenvolvido com Janaína Simões, ele ratifica sua postura crítica em relação a Teoria Institucional e contribui, ao tomar por referência o contexto histórico do país, significativamente com as discussões relativas à configuração do campo da cultura no Brasil. Assim, ele ressalta o papel do Estado neste processo, indo muito além de uma postura reguladora, mas indutora da expansão do espaço do mercado no campo cultural. O trabalho contribui, ainda, na medida em que pela primeira vez o campo organizacional da cultura recebe uma atenção detalhada e um mapeamento inicial. A definição dos períodos em termos da lógica predominante no campo, ao mesmo tempo em que esclarece sua tendência, considera que o campo não é homogêneo, mas complexo e transpassado por diferentes lógicas que se alternam na predominância, imprimindo ao campo maior ou menor grau de institucionalização. Processo esse que explica contrariando outros autores e, mostrando sua preocupação sempre presente com o processo de teorização, através convergência ou divergência entre a ação dos atores e a lógica que predomina no contexto histórico-social em cada período.

A partir da análise deste quadro, no trabalho seguinte Marcelo aprofunda a discussão sobre desenvolvimento e externa sua preocupação com a necessidade de alargar, para além dos aspectos econômicos, a compreensão desse conceito. Neste ele ressalta sua concepção ampla de cultura e sua contribuição com o desenvolvimento em suas diversas esferas: social, humana, ambiental e política. Ele enfatiza suas críticas à visão limitada de cultura e desenvolvimento e reflete a respeito da construção de outras possibilidades de sociedade, na qual a cultura desempenha um papel fundamental, como meio e objetivo do desenvolvimento.

Com o estudo empírico, Marcelo consegue materializar esse conjunto de discussões e vê refletido na prática uma experiência muito rica na qual a cultura participa de maneira significativa na construção de uma nova realidade social. Realidade esta com a qual Marcelo vinha, com seus orientandos, cada vez mais se envolvendo e descortinando, ou seja, a realidade dos bairros periféricos e das favelas do Rio de Janeiro. Não é exatamente uma novidade no trabalho que desenvolveu durante sua breve vida, pois trabalhou com objetos que raramente mereciam a atenção dos estudos organizacionais quando por eles se interessou, como é evidenciado em outros artigos desse número. O que, desde o início, mostra a contribuição que Marcelo traria para os espaços que viria a frequentar, fossem eles quais fossem.

Sua contribuição neste projeto, e em muitos outros nos quais tivemos a honra e a felicidade de compartilhar do seu companheirismo, foi fundamental, desde a idéia inicial, passando pelo entusiasmo em todas as atividades e nas discussões e questões que dirigiu. A sua generosidade em estabelecer parcerias e trabalhar coletivamente, com franqueza, coragem tanto para as concordâncias quanto para as muitas discordâncias que tivemos, assim como para as dúvidas sinceras que expressava, acima da hipocrisia que por vezes frequenta o mundo acadêmico. Para nós, o que pode explicar essa sua capacidade de trabalhar com todos como iguais, só pode estar no fato de que era tão grandioso, que nos ombrear não lhe diminuía. Só os verdadeiramente grandes podem fazer isto. Tudo com seu característico bom humor e seu peculiar modo de avaliar nossos trabalhos conjuntos segundo critérios estéticos e contribuir com formulações elegantes que tornavam nossas idéias tão mais bonitas. Nunca nos foi possível compreender como era capaz de pensar sempre em tantas pessoas, de seguir o que faziam, de pensar no que necessitavam (ainda que elas ainda não o soubessem). O trabalho coletivo que ele construiu no Observatório pode continuar ou não, mas de qualquer maneira para todos nós, nunca mais será igual, nunca mais será tão prazeroso, tão divertido, tão seguro, tão tranqüilo, nem tão bonito.

REFERENCIAS

CARVALHO, Cristina Amélia Pereira; VIEIRA, Marcelo Milano Falcão, GOULART, Sueli. A trajetória conservadora da teoria institucional. **Revista de Administração Pública – RAP**, Rio de Janeiro 39(4):849-74, Jul./Ago. 2005.

DÓRIA, C. A merencória luz do Estado. **São Paulo em perspectiva**, vol. 15, n. 2, São Paulo, abr/jun 2001.

DURAND, J. Cultura como objeto de políticas públicas. **São Paulo Perspectiva**, vol. 15, n. 2, São Paulo abr./jun., 2001.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOULART, Sueli; VIEIRA, Marcelo Milano Falcão; CARVALHO, Cristina Amélia. **Universidade e Desenvolvimento Local: uma abordagem institucional**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 2005.

IANNI, Otávio. **A idéia de Brasil moderno**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

KNOPP, Glauco da Costa; DARBILLY, Leonardo Vasconcelos Cavalier; VIEIRA, Marcelo Milano Falcão; SIMÕES, Janaína Machado. Cultura e Desenvolvimento. In: Marcelo Milano Falcão Vieira, Rosimeri Carvalho da Silva e Marcio Silva Rodrigues. **Cultura, Mercado e Desenvolvimento**. Porto Alegre: Dacasa Editora, 2010.

KNOPP, Glauco da Costa; VIEIRA, Marcelo Milano Falcão. Cultura e desenvolvimento: um estudo do programa Bairro Escola da cidade de Nova Iguaçu. In: Marcelo Milano Falcão Vieira, Rosimeri Carvalho da Silva e Marcio Silva Rodrigues. **Cultura, Mercado e Desenvolvimento**. Porto Alegre: Dacasa Editora, 2010.

MILANI, Carlos R.S.; CUNHA, Sheila S. O papel da cultura no desenvolvimento local: a experiência da Rede Pintadas (Bahia). In: **ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, I, 2005, Salvador, Bahia, Anais... 1 CD-ROM.

SEN, Amartya K. **Desenvolvimento como Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SIMÕES, Janaína e VIEIRA, Marcelo Milano Falcão. A atuação do estado e do mercado na trajetória do campo organizacional da cultura no Brasil. In: Marcelo Milano Falcão Vieira, Rosimeri Carvalho da Silva e Marcio Silva Rodrigues. **Cultura, Mercado e Desenvolvimento**. Porto Alegre: Dacasa Editora, 2010.

VECCHIATTI, Karin. Três fases rumo ao desenvolvimento sustentável: do reducionismo à valorização da cultura. **São Paulo em Perspectiva**, 18(3): 90-95, 2004. Disponível em [HTTP://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid-S0102-88392004000300010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392004000300010&lng=en&nrm=iso)

VIEIRA, Marcelo e CARVALHO, Cristina. Campos Organizacionais: de *wallpaper* à construção histórica do contexto de organizações culturais em Porto Alegre e em Recife. IN: **Encontro Anual da Associação de Programas de Pós-Graduação em Administração**, 27, 2003, Atibaia, SP. Anais... Rio de Janeiro: ANPAD, 2003, 1 CD-ROM.